

**A ESCOLA INGLESA DAS RELAÇÕES
INTERNACIONAIS E A PERSPECTIVA
HISTÓRICA DO ESPAÇO INTERNACIONAL**

***THE ENGLISH SCHOOL OF INTERNATIONAL
RELATIONS AND THE HISTORICAL
PERSPECTIVE OF THE INTERNATIONAL
ENVIRONMENT***

***L'ÉCOLE ANGLAISE DES RELATIONS
INTERNATIONALES ET UNE PERSPECTIVE
HISTORIQUE DE L'ENVIRONNEMENT
INTERNATIONAL***

Leonardo Dutra

Doutor em Teoria Jurídico-Política e Relações
Internacionais. Pesquisador do Centro de
Investigação em Ciência Política – CICP/UE.
Universidade de Évora, Portugal.

E-mail: leonardodutra@ymail.com

RESUMO

Este ensaio investiga similaridades e diferenças de conceitos sobre o ambiente internacional no espaço e no tempo com o objetivo de compreender a constância do entendimento teórico das relações internacionais desde uma perspectiva histórica. Utilizando como base os argumentos propostos pela Escola Inglesa das Relações Internacionais, especificamente desde as obras de Martin Wight e Adam Watson, este artigo sustenta uma compreensão da homogeneidade das relações internacionais no tempo, corroborando os argumentos oferecidos pela referida linha de pensamento.

Palavras-Chave: Teoria das Relações Internacionais, História das Relações Internacionais, Escola Inglesa das Relações Internacionais, Martin Wight, Adam Watson.

ABSTRACT

This paper investigates similarities and differences in concepts about the international environment in order to understand the constancy of these ideas from a historical perspective. Using the arguments proposed by the English School of International Relations specifically from the works of Martin Wight and Adam Watson, this essay proposes an understanding of homogeneity of international relations in time and space.

Keywords: Theory of International Relations, History of International Relations, English School of International Relations, Martin Wight, Adam Watson.

RESUME

Cet essai examine les similitudes et les différences entre les concepts sur l'environnement international dans l'espace et le temps. L'article analyse la cohérence de la compréhension théorique des relations internationales dans une perspective historique. L'étude utilise comme base les arguments proposés par l'école anglaise des relations internationales des œuvres de Martin Wight et Adam Watson,

proposant une compréhension de l'homogénéité des relations internationales dans le temps et l'espace.

Mots-clés: Théorie des Relations Internationales, Histoire des Relations Internationales, L'école Anglaise de Relations Internationales, Martin Wight, Adam Watson.

1 INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 1940 Edward Carr (2001, p.3), um dos precursores dos estudos das Relações Internacionais¹ e da Escola Inglesa das Relações Internacionais,² escreveu que a ciência da política internacional estava em sua infância.

Enquanto a teoria Política era solidamente relacionada à investigação sobre as formas de existência doméstica do Estado, a Teoria das Relações Internacionais era caracterizada como uma especialização da teoria Política. Desta forma, não existindo como teoria para alguns, ou sendo apenas uma extensão de um campo específico de conhecimento para outros.

Depois de quase um século do início deste debate³ muito ainda se discute sobre questões metodológicas, ontológicas e

¹ Neste trabalho, Relações Internacionais, em maiúsculo, faz referência à área de conhecimento científica, e, relações internacionais em minúsculo, à relação entre os atores internacionais.

² Apesar da existência de varias controvérsias sobre o assunto, este artigo segue a lógica exposta por Tim Dunne (1998, p. 23) alocando Carr dentro da Escola Inglesa das Relações Internacionais, e não no Realismo Clássico.

³ De acordo com Dunne; Kurki e Smith (2013, 14-20) os grandes debates epistemológicos nas relações internacionais abrangem quatro diferentes estágios desde os anos 1940: realismo e idealismo, tradicionalismo e cientificismo, realismo/institucionalismo e estruturalismo, e, o debate interparadigmático.

epistemológicas que delineiam esta área de conhecimento. Neste cenário interparadigmático existe um grande questionamento sobre até que ponto o ambiente internacional⁴ como hoje definimos existiu como caracterização internacional na história. Diante das alterações na formatação dos Estados no tempo o entendimento das relações internacionais em uma perspectiva histórica se faz necessário.

Assim, buscando analisar o tema, este ensaio investiga alguns dos pressupostos oferecidos pela Escola Inglesa das Relações Internacionais sobre uma perspectiva histórica capaz de explicar algum sentido de recorrência no cenário internacional. Especificamente, este artigo irá abordar as ideias propostas por Adam Watson e Martin Wight, buscando conceituar as relações entre os atores internacionais em diferentes tempos e espaços.

2 A ESCOLA INGLESA E AS TRADIÇÕES DE PENSAMENTO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Escola Inglesa das Relações Internacionais apresenta para o contexto teórico da política internacional um avançado entendimento baseado em três grandes elementos.

⁴ “Ambiente internacional” denominado neste trabalho ainda como “espaço internacional” e “cenário internacional,” todas nomenclaturas com o mesmo significado conceitual para este artigo.

Em que pese qualquer tipo de generalização possa “ser descrita como um tipo de abstração, de conveniência mental, conseqüentemente, um conceito irreal” (WIGHT, 2005, p. 143), o estudo das relações internacionais baseado em três distintos componentes pode ajudar na compreensão no cenário internacional.

Tal perspectiva, além de abarcar uma descrição plural das diferenças que compõe as relações internacionais, reflete os diversos níveis da consciência humana enquanto operadora destas interações.

Para Dunne (1998, p. 62), a capacidade do homem em mostrar às vezes solidariedade e em outras indiferença, ou tratar os outros como amigos ou inimigos, são exemplos desta complexidade de comportamentos.

Segue que esta complexidade é refletida nas diferentes relações entre os atores internacionais, as quais são caracterizadas pela Escola Inglesa em três grandes padrões.

Para Wight (2005, p. 143-144), o cenário internacional é arranjado desde três componentes que caracterizam as relações entre os atores internacionais. Primeiramente, a anarquia internacional, ou a multiplicidade de comunidades políticas independentes que exercem sua soberania no cenário internacional sem reconhecer nenhuma comunidade política superior a elas. Em segundo lugar, as relações habituais no cenário internacional, exemplificadas pelas instituições, o direito internacional, o comércio entre as nações, entre outras. E por fim, a solidariedade moral, ou um tipo de comunhão entre os atores internacionais, mais profunda que a política e a economia, descrita

pelos fatores psicológicos e culturais que estabelecem um conceito de humanidade.

Partindo das inclinações das pessoas em atribuir importância a um destes fatores em especial em detrimentos aos outros, é possível estabelecer alguns padrões de comportamentos no tempo. Ou seja, tradições de pensamento que poderiam representar os atores no ambiente internacional a partir destas preferências. De tal modo, para a Escola Inglesa das Relações Internacionais, um primeiro padrão destas relações é denominado Realista.

O Realismo questiona a existência de uma sociedade formada pelos diversos atores internacionais. Particularmente, trabalha a hipótese da existência de um estado de natureza onde, no cenário internacional, todos estão contra todos. Esta situação caracterizada por Hedley Bull (2002, p. 51) pela tendência à guerra e o conflito entre os Estados não pode ser assinalada pelo eficiente cumprimento de contratos entre os atores internacionais. Desta forma, as comunidades políticas no cenário internacional existem em uma anarquia dentro de um mesmo ambiente, uma vez que estes atores não reconhecerem outros poderes como superiores a si mesmos.

Um segundo padrão de existência segundo Wight (2005, p. 147) é o Racionalismo nas Relações Internacionais. O Racionalismo é designado pelo intercâmbio regulado entre os atores internacionais,⁵

⁵ Na perspectiva unicamente do Estado proposta por Hedley Bull (2002, p. 51), o Racionalismo é descrito pela “cooperação e o intercâmbio regulado entre os Estados.”

ou especificamente, pelo contrato social pré-existente na pluralidade de comunidades políticas de um mesmo cenário internacional. Pois mesmo aceitando uma natureza má dos homens na execução dos negócios das comunidades políticas, estas não existem em completo e perpétuo estado de guerra no cenário internacional.

Muito pelo contrário, os atores internacionais conflitam em períodos específicos desde o resultado da interação a respeito de assuntos particulares. Assim, é possível compreender uma sociedade formada por diferentes comunidades políticas com existência definida por características próprias de uma sociedade internacional. Ou seja, uma sociedade internacional com atributos que não podem ser entendidos em comparação com as sociedades domésticas.

Para Wight (2005, p. 147), esta sociedade internacional é constituída pela existência de acordos habituais entre os atores internacionais, desta forma, devendo ser entendida menos pelo governo da força e mais pela prática do costume. Neste contexto a “política internacional não expressa um completo conflito de interesse entre os Estados nem uma absoluta identidade de interesses” (BULL, 2002, p. 35) entre esses atores. O comércio ou o intercambio econômico e social no ambiente internacional são exemplos destas características no espaço internacional.

Por fim, um terceiro padrão denominado Revolucionário enfatiza que os atuais arranjos das sociedades em um cenário internacional não são perfeitos, e desta forma, precisam ser melhorados.

Para Wight (2005, p. 148), duas premissas que extrapolam a natureza comunitária da existência humana conseguem envolver uma explicação para este padrão nas Relações Internacionais. Em primeiro lugar, merece destaque o impulso do indivíduo em erradicar o sofrimento em sua vida. Assim, ao se analisar a condição dos indivíduos em comunidades políticas, se estes se encontram em um estado de natureza, será dever destes indivíduos aprimorar esta situação para uma condição melhor. Em segundo lugar, igualmente é necessário salientar a crença das pessoas de que o curso normal dos eventos tende a operar as mudanças desejadas pelos indivíduos, melhorando suas próprias existências.

Portanto, partindo da “existência de imperativos morais no campo das relações internacionais” (BULL, 2002, p. 34), ou da hipótese que o curso dos eventos venha a melhorar a existência dos indivíduos, a humanidade melhora suas relações no tempo.

Nesta perspectiva, uma sociedade internacional estaria desenvolvendo suas relações no cenário internacional rumo à construção de uma sociedade mundial, pautada pela concordância universal de uma série de premissas entre os homens. Contudo, estes princípios morais não sustentam uma situação descrita pela coexistência das diversas comunidades políticas em um cenário internacional. Entretanto, em contrapartida, pregam a substituição das características deste cenário por uma sociedade cosmopolita.

Segue que é possível que o cenário internacional esteja ordenado no tempo desde a justaposição destas três diferentes perspectivas. Nomeadamente, uma anarquia internacional Realista, convenções e contratos habituais Racionalistas, e ainda, a existência de alguma solidariedade moral Revolucionária. Desta forma, existe um padrão de recorrência no cenário internacional. Uma repetição de elementos que oscila dentro dos três padrões representativos propostos pela Escola Inglesa das Relações Internacionais. Logo, ainda que de forma elementar, suscitando alguma similaridade no conceito das relações internacionais no tempo.

3 A SIMILARIDADE NO CONCEITO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO TEMPO

Exposto o pensamento sobre uma tríade de representações da realidade que ilustra as relações internacionais na história, a análise da extensão das relações internacionais no tempo se faz necessária.

Porque, se a história não demonstra similaridades estruturais com outros períodos desta mesma existência, o estudo das relações internacionais da linha presente possivelmente não apontaria nada mais do que fatos.

Simplificadamente, negando a construção de linhas de pensamento duradouras sobre a composição das relações

internacionais.⁶ Enquanto a análise da história pode estar focada no apontamento fidedigno dos fatos, a busca por modelos de comportamento na política internacional está mais preocupada com os padrões de conduta. Assim, buscando identificar regras duradouras da ação política que vários acontecimentos históricos em conjunto poderiam demonstrar.

Desta forma, “tendo mais liberdade para apontar o fato de que se as políticas fossem diferentes, as consequências também poderiam ter sido” (WIGHT, 2002, p. 306). Logo, constrói-se aqui a hipótese de que a análise da história poderia assinalar grande similaridade na caracterização do cenário internacional. Este pressuposto parte da hipótese de que as comunidades formaram um cenário internacional explicado por um grupo semelhante de variáveis no tempo.⁷

Assim, independentemente do tipo de formação doméstica que as diversas comunidades políticas independentes tiveram na história, em suas relações externas, elas praticaram semelhantes relações internacionais.

⁶ Hedley Bull (1966, p. 361) corrobora uma abordagem semelhante em um clássico artigo sobre o tema.

⁷ A hipótese aqui inicialmente apresentada para o estudo das relações internacionais parte do chamado método dedutivo da prova. Entre outros, segundo Popper (2002, p. 30), uma determinada hipótese só admite prova empírica tão somente após a sua formulação como hipótese. Assim, o trabalho do cientista, consiste na elaboração de teorias inicialmente, para posteriormente, estas serem colocadas à prova dos fatos.

O argumento recebe força se elaborarmos modelos mentais sobre a caracterização da existência humana em uma situação diferente do arranjo entre comunidades políticas que existiram na história. Assim, em que pese a não existência de uma “para-existência,” as sucessivas caracterizações políticas na nossa história apresentaram distintas formações que resultaram das diferenças das comunidades independentes no planeta terra.

Várias são as descrições da justaposição ou aglutinação entre comunidades políticas na história. Segundo Nye (2009, p. 3), a existência de um Sistema Mundial Imperial onde um tipo de governo controlou grande parte dos territórios que tinha contato, a exemplo do Império Romano, figura como uma das diferenciações das comunidades políticas no tempo. Também existiu um Sistema Feudal como outra configuração de comunidades políticas no mundo, caracterizado pela lealdade dos homens circundada por limites terrestres comandados por senhores locais, donos desta fidelidade. Igualmente, o sistema anárquico de Estados, marcado pelo não reconhecimento de comunidades com algum poder superior às outras no cenário internacional, figura como um ordenamento similar da nossa existência.

O ponto específico defendido aqui é a heterogeneidade das formações humanas em comunidades no mundo. Ou seja, ao contrário da existência de uma comunidade política homogênea em toda a história, o mundo é formado pela pluralidade de atores internacionais. Desta forma, alimentando a hipótese de que distintos agrupamentos

políticos independentes sempre reclamaram igualdade de status no tempo, desta forma, figurando como atores internacionais semelhantes aos atuais Estados.

Assim, mesmo diante das diferenças de complexidade estes atores podem ser caracterizados como agentes que concretizaram relações internacionais nos mais variados períodos da história. Em suma, expressivos estudos sobre o assunto iniciados por Martin Wight e que tiveram prosseguimento na obra de Adam Watson⁸ apontam para a similaridade das relações internacionais na história. Desta forma, se existe algum significado na diferenciação das caracterizações de ordem no tempo, esta pode ser relativa somente à durabilidade desta simbolização de ordem diante de outras existências.

De tal modo, extrai-se desta experiência apenas algum entendimento de hierarquia temporal que define a existência do indivíduo como inferior a da sociedade a que ele está inserido. Sociedade que por sua vez ainda perecerá diante da existência do mundo, que permanecerá hierarquicamente superior às demais existências. Segundo Watson (2004, p. 14), as comunidades políticas hoje exemplificadas pelos atuais Estados reconhecem a mesma

⁸ Entre as investigações que poderíamos citar, Martin Wight principia o trabalho de questionamento e comparação entre diversas comunidades políticas da história com o objetivo de construir um entendimento sobre as similaridades e diferenças entre tais agrupamentos, contudo, a morte relativamente prematura de tal pensador deixa para Adam Watson a tarefa de conclusão deste trabalho. Entre outros estudos, ver WIGHT, Martin. *Systems of States*. Bristol: Leicester University Press, 1977; WATSON, Adam. *A Evolução da Sociedade Internacional: Uma análise histórica comparada*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004; e ainda, WATSON, Adam. *Systems of States. Review of International Studies*. n. 16, p. 99-109, 1990.

reivindicação de independência de outras comunidades do sistema que fazem parte.

Logo, se refutarmos as definições que acentuam a análise do efetivo exercício do poder doméstico das comunidades políticas, a história pode apontar severas similaridades de comportamento entre os atores em um cenário internacional.

Neste contexto, desde que algumas comunidades estejam suficientemente envolvidas umas com as outras, elas tendem a demarcar seus próprios limites em um ambiente internacional, independente das particularidades de sua formação política interna. Ou seja, pelo fato de reclamarem independência em relação a outras comunidades, igualmente independentes em seu entorno, estas praticaram relações internacionais.

Portanto, estas comunidades construíram a diferenciação entre distintos povos na história humana, resultando na heterogeneidade de comunidades no mundo durante toda a existência conhecida.⁹

⁹ Entre outras definições, as teorizações de Spengler-Toynbee citadas por Voegelin (2010, p. 175-177) auxiliam o entendimento dos diversos ordenamentos na história. A teoria é fundamenta para Spengler pela caracterização da história desde diferentes civilizações, entendidas como o florescimento de uma alma coletiva, cultural, dentro de um cenário histórico. Nesta perspectiva, estas almas civilizacionais floresceriam apenas uma vez, e as civilizações produzidas repetiriam suas histórias como analogias orgânicas à juventude e à maturidade, e assim, uma civilização tem fim quando sua vitalidade se esgota. Toynbee calculou um futuro de 1743 milhões de civilizações para existência terrestre, todas cheias de vida e significado como a história da sociedade helênica ou o Império Romano.

Ainda segundo Watson (2004, p. 28), seria possível conjecturar que o cenário internacional esteve sempre em algum ponto de um espectro que varia entre dois extremos: a completa independência entre as comunidades ou um império absoluto.

Assim, as comunidades existem em algum lugar entre a completa autonomia umas das outras ou onde a associação destes agrupamentos gerou diferentes sistemas, como um império. Logo, é presumível que em toda a história conhecida do mundo as comunidades políticas no cenário internacional estiveram em alguma posição intermediária entre estes dois extremos dentro de um sistema.

Isso significa que poderíamos apontar as recentes mudanças no cenário internacional após 1989 como adequações de um sistema específico dentro de uma linha temporal.

Mudanças onde comunidades políticas variaram sua existência ocupando alguma posição intermediária dentro de um espectro extremado pela independência e pelo total imperialismo. Igualmente, o argumento explica a evolução da comunidade política contemporânea como conhecemos – o Estado.

O Estado teve seus contornos consolidados com a Revolução Francesa e a Revolução Norte-Americana. Ainda, experimentou modificações conceituais em dois outros períodos na nossa história recente: ao final da II Guerra Mundial, com o processo de descolonização, e no período posterior a desconstrução do antigo Império Soviético já próximo ao século XXI.

Logo, as comunidades políticas alteraram algumas de suas características no tempo, tornando-se mais complexos e maiores em algumas vezes, e por outras, apresentando uma fragmentação e evolução da forma de existir.

Igualmente, a composição interna, ou o exercício do poder também sofreu modificações na história. As comunidades políticas baseadas no domínio de um rei ou imperador modificaram suas estruturas de uma soberania monárquica para uma soberania popular.

Desta forma, concebendo a comunidade política independente como uma ordem política estabelecida pela vontade do povo. Ainda, analisando a recente história do século XX e XXI, é notória a alteração de comunidades políticas completamente independentes entre si que se aproximaram de outros Estados modificando a caracterização de sua autonomia em alguns casos.

Os processos de integração regional, como o da União Europeia, exemplificam tal argumento. Em tais situações, comunidades politicamente independentes se aglutinam sob uma mesma bandeira, certamente, até o ponto em que novamente modificarão suas relações. Entretanto, sempre existindo dentro de uma amplitude de extremos configurados como total dependência ou independência entre estas comunidades.

Contudo, apesar de auferida a similaridade existencial do cenário internacional proposta por Adam Watson, a própria Escola Inglesa das Relações Internacionais pontua algumas diferenças.

Particularmente, Martin Wight propõe as diferenciações da similaridade das relações internacionais no tempo.

4 AS DIFERENCIAÇÕES NA SIMILARIDADE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO TEMPO

Apesar dos sólidos argumentos já expostos sobre as similaridades do cenário internacional, outras abordagens teóricas trazem mais sofisticação ao entendimento das semelhanças dos sistemas internacionais na história. Para estes juízos é possível que tenham existido no mínimo três exemplos de distintos sistemas em nossa história. Nomeadamente, o moderno sistema de Estados Ocidental ao qual estamos inseridos.

O sistema clássico Helenístico ou Greco-Romano, bem como, um sistema Chinês, compreendido entre o colapso da dinastia Chou Ocidental e o estabelecimento dos chamados Três Reinos na China no ano 221.¹⁰ Para Martin Wight (1977, p. 23), as unidades que formam um sistema possuem a característica de não admitir uma autoridade como superior a si mesma.

Também, além de reclamarem sua independência diante de outras comunidades políticas, estes agrupamentos reconhecem o

¹⁰ No primeiro capítulo da obra *Systems of States*, intitulado *De systematibus civitatum*, Martin Wight (1977, p. 21-22) apresenta as principais ideias sobre este conceito de Sistema Internacional.

mesmo sentido de existência independente de outras comunidades semelhantes. Este processo é hoje denominado como a igualdade legal entre os Estados contemporâneos, ou na história, foi caracterizado pela equidade das antigas cidades gregas ou dos reinos helênicos. Contudo, todos os sistemas descritos podem ser caracterizados como reclamantes de uma soberania que não reconhece outras como superiores.

Apesar disso, a descrição de um sistema Chinês aponta importantes diferenças de seus pares helênicos ou contemporâneo. A realidade Chinesa do período histórico compreendido entre 771 a.C. e 221 d.C. pode ser descrita pela relação permanente de um grupo de comunidades políticas uma com as outras que respeitava a preponderância de uma comunidade sobre as demais. Este sistema de Estados suseranos legitimou um tipo de autoridade de uma comunidade específica em detrimento às outras, em um cenário onde o restante das comunidades políticas do sistema manteve relações semelhantes entre si.

Ainda, alguns períodos do Império Bizantino, ou o antigo Império Romano do Oriente, bem como, o Governo Britânico na Índia no século XX, caracterizaram a existência de uma comunidade central em um sistema. O que fica estabelecido neste conceito é a definição de um sistema diferenciado de outros sistemas internacionais, neste caso, denominados como sistemas internacionais suseranos.

Entre outras, as principais diferenças entre os sistemas internacionais e o sistema internacional suserano residem do em uma

balança de poderes entre as comunidades políticas no primeiro caso, e no imperialismo no segundo tipo. Martin Wight (1977, p. 24-25) ainda aponta uma série de diferenciações nas relações internacionais na história.

Neste contexto, é evidenciada a existência concomitante de um Império Romano com um Império Persa em uma disputa por vezes interrompida entre sistemas que, contudo, subjugaram “bárbaros” e outras nações rivais em sua existência. O povo babilônico, egípcio e o hitita igualmente compuseram um sistema internacional na segunda metade do segundo milênio antes de Cristo, situação onde uma balança de poderes era centralizada entre Babilônia e Creta.

Ainda, uma diferenciação histórica significativa dos sistemas internacionais pode ser verificada na Idade Média, onde é questionável a existência de um sistema internacional com as mesmas características que experimentamos hoje.¹¹ Para Wight (1977, p. 26-27), isso se deve, entre outros fatores, a existência de uma unidade cristã verificada neste período.

Na Idade Média o conceito de direito pode ter prevalecido sobre o do interesse dos agentes desta sociedade, em última análise, diferenciando a natureza do período medieval do contemporâneo. Igualmente, uma distribuição de poder relativamente equitativa neste

¹¹ Na obra *Systems of States*, Martin Wight (1977, p. 26) utiliza o trabalho de Desmond Williams intitulado *The International States System in the Middle Ages* como base para o argumento que constrói as diferenças do conceito de sistema internacional diante da realidade da Idade Média.

ambiente caracterizado por um tipo de monarquia papal acaba por assinalar a Idade Média como um período intermediário. Uma transição entre as características do Império Romano e a realidade contemporânea.

Assim, se pode ser construída a caracterização de um sistema de Estados neste período, este tende a ser distinguido das demais realidades como um complexo sistema dualista ou um duplo sistema de Estados suseranos. No entanto, a heterogeneidade das comunidades políticas resultante deste processo histórico pode ser verificada.

Assim, mesmo diante da caracterização de sistemas suseranos ou da ausência de um sistema de Estados no período medieval, os diferentes agrupamentos humanos da história construíram semelhantes relações internacionais no tempo. As comunidades experimentaram lógicas de interação que ratificam alguma similaridade de comportamento entre os antecessores do atual Estado contemporâneo.

Neste contexto, quando existiu algum tipo de interação relativamente permanente entre as comunidades políticas, algumas ferramentas foram logicamente construídas para a comunicação entre as partes envolvidas. Se não por outras motivações, pela necessidade da existência conjunta de comunidades distintas. Esta comunicação é composta por mensageiros, como embaixadores e espiões, bem como, por conferências entre as comunidades, as quais por vezes derivaram em instituições internacionais formais

Da mesma forma, é evidente a definição de uma linguagem comum no ambiente internacional, que no tempo moderno já foi o Latim, o Francês e então o Inglês, entre outros exemplos citados por Wight (1977, p.30-33) de diferentes formas de interação nas relações internacionais no tempo. Além disso, o comércio entre as comunidades políticas aparece como uma forma de interação que ultrapassou, historicamente, os limites impostos pela diplomacia formalmente estabelecida em alguns casos.¹² Da mesma forma, algum tipo de unidade cultural entre as partes que definem um sistema de Estados pode ser verificado nos três grandes sistemas diferenciados até aqui.

Em última análise, a potencialidade de elementos unificadores da solidariedade entre as comunidades políticas pode ser encontrada nas relações internacionais no tempo.

Para Wight (1977, p. 33-34), uma unidade cultural entre as comunidades políticas poderia ser verificada na evolução da solidariedade de alguns atores em torno de uma moralidade comum. Ou seja, na construção de um código comum que faz com que as partes concordem com algumas regras a respeito do bem-estar das populações envolvidas. Da mesma forma que constroem ferramentas necessárias para a interação dos Estados, como a imunidade diplomática, entre outras.

¹² Ao abordar as funções do comércio na interação entre as comunidades políticas na história uma questão surge na abordagem de Martin Wight (1977, p. 33) sobre as relações internacionais no tempo levada a cabo na obra *Systems of States*: “seria verdade que para a maioria dos sistemas de Estados a interdependência econômica precede a organização diplomática?”

Em suma, se na história os governantes de um território exerceram tal prerrogativa em regiões exemplificadas como as cidades-estados gregas, os reinos helênicos ou o sistema romano, entre outros, estas sociedades compuseram um cenário além das suas próprias comunidades políticas independentes. Desta forma, existiram em um espaço de formatação semelhante ao moderno ambiente internacional. Ratificando a abordagem histórica das relações internacionais como caminho apropriado para o entendimento de grandes padrões de existência entre os atores internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações internacionais produzem tantos resultados distintos na interação entre os diversos atores internacionais quanto são diferentes as análises e as explicações teóricas sobre tais interações. Diante desta heterogênea composição de atores e resultados é possível que uma abordagem plural para o entendimento do cenário internacional seja um caminho razoável para tal empreendimento.

Assim, a diversidade de caracterizações propostas pela tríade de pensamentos da Escola Inglesa das Relações Internacionais consegue abarcar uma compreensão dos diferentes tempos e espaços do ambiente internacional. Neste contexto, o princípio mais importante desta pluralidade de fatos pode residir na necessidade de uma

abordagem efetivamente aberta para o entendimento das relações internacionais.

Logo, refutando perspectivas polarizadas em excessivos otimismo ou exacerbados pessimismos nas relações internacionais. As polarizações baseadas nas perspectivas humanas que caracterizaram os principais debates epistemológicos nas Relações Internacionais muitas vezes apresentam perspectivas incompletas sobre o atual ambiente internacional.

Porque, assim como ensina a Escola Inglesa das Relações Internacionais, se nossa existência possui uma característica de naturalidade e sobrevivência, igualmente ela é pautada pelos hábitos desenvolvidos em nossa história. Nossa existência experimenta o cumprimento de contratos, e ainda, construiu uma sociedade que se desenvolve dentro de um senso de humanidade durante a história.

Assim, apenas se analisadas estas variáveis em conjunto, e não em separado, é que seria possível compreender a pluralidade de concepções que o mundo possui de si mesmo, as quais, resultam nas Relações Internacionais. Igualmente, verifica-se desde os argumentos propostos por Martin Wight e Adam Watson a existência de similaridades nas relações internacionais no tempo.

Portanto, as relações internacionais podem ser entendidas desde uma abordagem histórica e sociológica, a qual desde as representações do passado, podem delinear um futuro atrelado a repetição ou negação deste passado.

Estas, entre outras questões que movem os atores no cenário internacional antes e durante suas interações com outros agentes, movem nossa existência entre padrões representados pela natureza má dos homens ou sua necessidade de segurança. Constrangem nossa existência entre contratos e hábitos logicamente construídos pela necessidade de interação de um mundo plural. Da mesma forma que fomentam um conceito de humanidade que transcende as fronteiras das comunidades políticas independentes na história.

Resultando em um grupo de fatores que demonstram a complexidade de uma sociedade internacional anárquica, que por seu enredamento, pode ser apenas entendida desde um grupo de variáveis distintas que representam as Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS

BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica: um estudo da ordem na política mundial**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BULL, Hedley. International Theory: The Case for a Classical Approach. **World Politics**. Vol. 18, n. 3, 1966.

CARR, Edward. **Vinte anos de Crise: 1919 – 1939: uma introdução ao estudo das Relações Internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. **International Relations Theories: discipline and Diversity**. Oxford, Oxford University Press, 2013.

DUNNE, Tim. **Inventing International Society: A History of the English School**. Londres: Macmillan Press, 1998.

NYE, Joseph. **Cooperação e Conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

VOEGELIN, Eric. **Ordem e História - Vol. 1**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

WATSON, Adam. **A Evolução da Sociedade Internacional: Uma análise histórica comparada**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WATSON, Adam. Systems of States. **Review of International Studies**. n. 16, 1990.

WIGHT, Martin. **Four Seminal Thinkers in International Theory: Machiavelli, Grotius, Kant, and Mazzini**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

WIGHT, Martin. **A Política do Poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

WIGHT, Martin. **Systems of States**. Bristol: Leicester University Press, 1977.